



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v. 15, n. 28, p. 46-68, 2023

DOI: 10.35520/mulemba.2023.v15n28a55901

Entrevista

Entrevista com a professora Dra. Maria Nazareth Soares Fonseca

Luciana Brandão Leal^{1,2} 

Wellington Marçal de Carvalho³ 

¹ Universidade Federal de Viçosa, Programa de Pós-Graduação em Letras,
Viçosa, MG, Brasil

² Universidade do Estado de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em
Letras, Cáceres, MT, Brasil

³ Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

E-mail: luciana_brandao@hotmail.com, marcalwellington@yahoo.com.br

Editoras-chefe

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores convidados

Andrea Cristina Muraro
Gabriel Chagas
Luciana Brandão Leal
Marlon Augusto Barbosa

Autora correspondente

Luciana Brandão Leal
luciana_brandao@hotmail.com

Recebido: 01/12/2022

Aceito: 11/06/2023

Como citar:

LEAL, Luciana Brandão;
CARVALHO, Wellington
Marçal de. Entrevista com
a professora Dra. Maria
Nazareth Soares Fonseca.
Revista Mulemba, v. 15,
n. 28, p. 46-68, 2023. doi:
[https://doi.org/10.35520/
mulemba.2023.
v15n28a55901](https://doi.org/10.35520/mulemba.2023.v15n28a55901)

Professora Doutora Maria Nazareth Soares Fonseca é uma referência incontornável entre os intelectuais que se dedicam aos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa e das literaturas afro-diaspóricas. Professora muito amada por seus alunos; pesquisadora muito admirada e muito querida por seus colegas. É doutora em Literatura Comparada pela UFMG, com período de pesquisas na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3. De 1995 a 2018, atuou como professora adjunta no Programa de Pós-Graduação da PUC Minas, orientando inúmeras dissertações e teses. Em 2008, recebeu, como orientadora, o prêmio CAPES de Teses. Pesquisadora 1D do CNPq, possui diversos livros publicados, dentre eles: *Brasil Afro-Brasileiro* (2000); *Poéticas afro-brasileiras* (2003); *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos* (2008), *Mia Couto: espaços ficcionais* (2008); *Literaturas africanas de língua portuguesa: mobilidades e trânsitos diaspóricos* (2015). Co-organizadora do volume 4 da coletânea *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (2011), que foi considerado pela Folha de São Paulo um dos duzentos livros mais importantes para se entender o Brasil. Em 2021, organizou o dossiê de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, publicado pela

Revista da Academia Mineira de Letras. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estéticas Diaspóricas (2010 – 2022). Atualmente, coordena o *literÁfricas*, projeto de divulgação científica vinculado ao Portal literafro (UFMG), que possui milhares de acessos.

1 – Há uma passagem de Luandino Vieira que nos diz que para alcançar a raiz das coisas devemos começar pelo começo. A senhora poderia falar um pouco sobre a sua origem familiar e seus primeiros contatos com a escolarização até sua entrada na UFMG para a graduação em Letras Clássicas?

Sou oriunda de família constituída de pai branco e mãe negra, ambos nascidos em cidades próximas de Belo Horizonte. Minha mãe nasceu na cidade de Contagem e meu pai, em Rio Acima. Casaram-se e foram morar no interior de Minas, numa fazenda em Morro Vermelho, distrito de Caeté. A descoberta de ouro em região próxima à fazenda levou os proprietários e meu pai a decidirem explorar uma mina antiga, já abandonada. A exploração foi interrompida, pouco depois de iniciada, porque, segundo contava o meu pai, não foi possível continuar cavando, porque brotou muita água de nascentes dentro da mina. O alto preço que teriam de pagar pelo escoamento da água e pela drenagem das nascentes impediu a sua exploração. Esses fatos eram exaustivamente contados e recontados pelo meu pai, quando lamentava a morte do sonho de mineração que o obrigou a trazer a família para Belo Horizonte para ele tentar conseguir outro tipo de trabalho e, principalmente, dizia ele, para que os filhos pudessem se educar. Lutando com muita dificuldade, porque os primeiros anos em Belo Horizonte foram muito difíceis para a minha família, consegui cursar o primário em um Grupo Escolar que tinha um programa de ensino voltado à formação integral dos alunos e que, para atingir os seus objetivos, utilizava a poesia como ferramenta de ensino e aprendizagem.

Embora não houvesse livros de literatura em minha casa, meu pai nos transmitia as notícias que lia em jornais comprados quando o pouco dinheiro permitia ou as que ele ouvia no rádio. Desse costume paterno de se inteirar das coisas do mundo, herdei o interesse por saber, desde cedo, o que se passava além da minha casa. Em contrapartida, minha mãe, que adorava contar aos filhos a vida de santos e santas, encantava-me com as cantigas que cantava enquanto fazia as muitas lidas da casa. Foi através das canções que a minha mãe passou aos filhos, principalmente às filhas, o gosto pela palavra e o interesse por entender os jogos poéticos criados pelas canções que saíam da boca dos cantores e cantoras prediletos da minha mãe. Tive uma infância de que fazia parte estar junto dos pais, principalmente da mãe, no cuidado com a conservação da casa, do quintal e do jardim e a se inteirar do que se passava no mundo através do que podia entender das notícias trazidas pelas ondas sonoras do rádio, mas também a se deixar encantar com as canções cantadas por minha mãe. Embora tenha tido uma infância pobre e difícil, ela foi recheada de sonhos e de vontade de conhecer o mundo. Dessa infância, por vezes muito sacrificada pela

pobreza, recordo, ainda hoje, os varais cheios de roupa sacudindo ao vento e as cores da casa renovadas a cada ano por meu pai como forma de permitir que o encanto do Natal pudesse nos visitar, ainda que isso nem sempre acontecesse.

O contato mais direto com a literatura, na infância, iniciou-se no curso primário com leitura de poemas que faziam parte das atividades do programa escolar. Os poemas eram lidos e decorados como forma de incutir nos alunos e nas alunas os bons princípios e de prepará-los para viver em sociedade, sendo bons e úteis cidadãos. Particpei de muitas solenidades, nesse período escolar, porque decorava os poemas com facilidade e conseguia disfarçar bem a timidez quando me via no palco da escola. Até hoje sei parte de poemas de Castro Alves, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Alphonsus de Guimaraens que aprendi nos anos da escola primária. A escola exigia também muita “composição”, nome dado à redação naquela época. Eu escrevia com facilidade, embora detestasse muitos dos títulos dados pelas professoras. A leitura de textos narrativos era também praticada em todas as etapas do ensino primário, mas não me lembro de ter sido incentivada a questionar as situações sociais que perpassavam os textos e as situações concretas com que os alunos e as alunas conviviam diariamente no bairro em que morávamos. As dificuldades financeiras rondavam as casas e os moradores sem precisar se esconder.

No curso ginasial, devo ter lido as obras indicadas pela disciplina de Português. Recordo-me de ter lido, com prazer imenso, *O Guarani*, de José de Alencar, que me foi dado de presente pela orientadora do curso, porque ela descobriu que eu gostava muito de ler. Já não me lembro de quando comecei a ler os muitos livros proibidos cujos títulos eram transcritos no “quadro negro” pela professora de Português, no início de cada ano letivo, como medida de proteção às alunas, pois penso que as listas eram diferentes das indicadas nas escolas de alunado masculino. Ler os livros proibidos era uma aventura instigante porque eu não podia retirá-los da biblioteca do colégio. Às vezes, conseguia alguns na Biblioteca Municipal de Belo Horizonte, quando alguma bibliotecária me emprestava os livros, sem desconfiar que eles estavam na lista de livros proibidos criada por minha professora de Português. Outros títulos dessas listas só foram lidos por mim mais tarde, quando eu já cursava o segundo grau. E pensar que eram proibidos alguns livros de José de Alencar, Machado de Assis e até do Monteiro Lobato. Os do Aluísio de Azevedo e do Jorge Amado eram proibidíssimos.

No segundo grau, felizmente, tive professores magníficos, que incentivavam a leitura de obras da literatura brasileira e da literatura europeia. Não eram apenas os professores de literatura que nos incentivavam a ler. Tive um excelente professor de História que nos mostrou o quanto a literatura pode ser lida como documento, embora sendo ficção. Foram anos de encantamento em que li não apenas livros de literatura, mas de História, Sociologia e Filosofia. Conheci, nessa época, o *Geografia*

da fome, de Josué de Castro, o *Casa Grande e Senzala e Sobrados e mucambos*, de Gilberto Freyre, os principais romances de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado, embora já existisse uma censura grande sobre vários livros desse escritor baiano, considerado comunista e “indecente”. Li também muitas obras de literatura estrangeira, principalmente, a portuguesa, e traduções de obras italianas, inglesas e norte-americanas. O meu primeiro contato com obras de William Faulkner, John Steinbeck e Shakespeare deu-se nesse período.

O curso de Letras Clássicas, escolhido porque eu temia não ser aprovada no de Letras Neolatinas, o mais procurado, foi feito com muita dificuldade, porque eu já trabalhava e tinha pouco tempo para me dedicar às disciplinas. Mas reli, com prazer, muitos dos livros de Machado de Assis e de José de Alencar que eu já conhecia do segundo grau. Li também muitas obras da literatura francesa, porque fiz o curso da Aliança Francesa concomitantemente à graduação em Letras Clássicas. Mais tarde, quando passei no concurso para lecionar no Colégio Estadual Central, uma das escolas de maior prestígio, em Belo Horizonte, à época, li muita literatura para preparar os cursos na área de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

2 – Sob orientação da Professora Letícia Malard, a senhora desenvolveu interessante discussão sobre a relação estória e história, a partir de um dos romances do escritor brasileiro Érico Veríssimo. Como foi esse início na sua caminhada como pesquisadora em Estudos Literários?

O motivo de eu haver escolhido a relação História e Estória na dissertação de Mestrado decorreu das leituras e discussões feitas desde o segundo grau e, principalmente, das reflexões produzidas em cursos do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) que, infelizmente, foi fechado pela Ditadura Militar. A crítica literária voltada aos aspectos sociais das obras me interessava bastante e era muito bem apresentada pelos professores do ISEB, principalmente pelo Leandro Konder e por Nelson Werneck Sodré, que foi o orientador do meu trabalho de final de curso.

Desde que fiz o curso do ISEB, conseguia transitar, com mais facilidade, pelas discussões que consideravam a literatura um fato social e cultural e não somente um produto estético, fechado em si mesmo. Penso que nunca assumi a análise do texto literário sem prestar atenção no contexto em que ele fora produzido, aspecto muito discutido nas aulas do ISEB e em algumas disciplinas do Mestrado na UFMG.

Na época em que cursei o Mestrado, o foco teórico era o Estruturalismo, que eu estudei à exaustão, principalmente levando em consideração autores que discutiam a Teoria, fazendo relação com outras áreas do conhecimento. Isso me permitiu construir análises literárias que levavam em consideração a relação texto *vs* contexto e essa perspectiva me deu condição de apresentar um projeto de dissertação que foi aprovado e até elogiado.

Escolhi analisar o romance *Incidente em Antares*, do escritor Érico Veríssimo, lançado em 1971, em plena Ditadura Militar, com a ajuda de reflexões do Mikhail Bakhtin sobre a carnavalização, a sátira menipeia e a crítica social. A escolha do livro e da teoria com que embasei a dissertação possibilitava-me retomar a relação História e Literatura, que era a vertente crítica que me interessava à época.

3 – No início da década de 1990, a senhora, de certa maneira, inaugurou no Brasil os estudos sobre a “carnavalização”, o “real maravilhoso” (via Alejo Carpentier, das Antilhas) e o “maravilhoso” (via Jacques Aléxis, do Haiti). Poderia retomar alguns aspectos da pesquisa feita sob orientação da Professora Eneida Maria de Souza e coorientação do Professor Daniel Henry Pageaux?

Não é verdade que eu tenha inaugurado os estudos sobre a carnavalização no Brasil e que eu tenha sido a primeira pesquisadora a discutir os conceitos de “real maravilhoso”, de Alejo Carpentier e o de “maravilhoso”, a partir das reflexões encaminhadas pelo crítico haitiano Jacques Stéphen Aléxis, assassinado, em 1961, pela Tonton Macoute, a temida força paramilitar do regime ditatorial de François Duvalier. Havia no Brasil, principalmente na USP, UERJ, UFRGS e PUC do Rio Grande do Sul, estudiosos(as) das literaturas francófonas que já consideravam esses conceitos. Por isso, eu, depois de ter estudado a literatura do Borges, do Cortázar e de outros autores da América Latina, passei a fazer contato com grupos de pesquisadores das literaturas das Antilhas Francesas que seguiam diferentes rotas do chamado “realismo mágico”. Motivada por essas discussões, voltei a obras de autores sul-americanos e reli o *Pedro Páramo*, do Ruan Hulfo, *Cem anos de solidão*, do García Márquez, o “O Guarda-chaves”, de Juan José Arreola. Junto com a Ivete Walty desenvolvi, na UFMG, um projeto sobre escritores da América Latina que me instigou a também conhecer a literatura de Cuba, principalmente as obras do Alejo Carpentier.

Após o estágio sanduíche, na França, fiz parte de um grupo de discussões voltado à literatura francófona das Antilhas, coordenado pela Profa. Eunice Galery, na FALE/UFMG. Como integrante desse grupo, pude conhecer melhor a literatura da Martinica e do Caribe e, acho que, por minha própria conta, fui aprofundando as pesquisas sobre as obras do Alejo Carpentier.

Essas novas incursões me fizeram perceber as limitações do conceito de “literatura fantástica”, discutido por Tzvetan Todorov em livro traduzido no Brasil em 1970 e com o qual alicercei as discussões apresentadas na minha dissertação de Mestrado. Considerei que a teoria do Todorov era incapaz de dar conta do que Stéphen Aléxis, Carpentier e muitos escritores e teóricos das Antilhas e do Haiti denominavam de real maravilhoso, realismo fantástico, *merveilleux* e mesmo de realismo mágico.

No estágio sanduíche na França, sob a orientação do Prof. Henri Pageaux, no início da década de 1990, retomei muitas das discussões sobre o *merveilleux* haitiano e sobre o real maravilhoso, visto a partir da percepção do Alejo Carpentier, para a

discussão do romance *O reino deste mundo* e da peça *La tragédie du Roi Christophe*, do Aimé Césaire, obras que também me permitiam explorar a relação História e Literatura e algumas das teorias sobre o imaginário cultural e social, discutidas a partir de teorias desenvolvidas pelo Prof. Pageaux, um especialista em Alejo Carpentier.

Ao voltar ao Brasil, a Profa. Eneida Maria de Sousa, minha orientadora, me sugeriu incluir, na tese, uma obra da literatura brasileira, para que eu pudesse justificar a pesquisa na área em que ela se desenvolveu na FALE/UFMG. Escolhi incluir o romance *Viva o povo brasileiro*, do João Ubaldo Ribeiro, pela possibilidade de continuar discutindo a relação entre História e Literatura que também levava em consideração as encenações literárias do Henri Christophe, um antigo escravo que se tornou presidente do Haiti. Passei a conhecer melhor as diversas versões históricas e literárias criadas sobre essa instigante personagem da história do Haiti e vários aspectos da colonização francesa nas Antilhas. Cheguei a integrar, a convite do Prof. Maximilien Laroche, da Universidade do Laval, no Canadá, um grupo de estudiosos do Henri Christophe. Abandonei essas pesquisas ao me aposentar, na UFMG, em 1994, e, principalmente, ao assumir a disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na PUC Minas, em 1995.

As muitas discussões sobre o “real maravilhoso”, via Alejo Carpentier, e sobre o “maravilhoso”, via Jacques Stéphen Alexis, são aspectos da pesquisa que desenvolvi na Sorbonne Nouvelle, sob a supervisão do Prof. Pageaux e, na volta ao Brasil, com a Eneida Maria de Sousa, minha orientadora de tese. Na tese, apresentei reflexões sobre questões que estavam sendo discutidas na França, sobretudo, no âmbito da Literatura Comparada, mas que não estavam presentes, de forma mais sistemática, nas discussões do Departamento a que eu pertencia na UFMG.

Como pode ser constatado, minha tese pende para discussões que estavam sendo produzidas em vários núcleos de investigação sobre as literaturas francófonas, as quais, à época, eram retomadas, no Brasil, a partir das literaturas das Antilhas Francesas e do Canadá. O diálogo proposto por minha tese entre obras literárias das Antilhas e do Brasil retomou discussões de alguns desses grupos, perspectivas encaminhadas por obras do Prof. Henri Pageaux sobre a literatura de Alejo Carpentier e discussões no campo da Literatura e Sociedade, Literatura e História, herança do meu curso no ISEB.

4 – Conte-nos sobre sua trajetória pessoal e acadêmica ao encontro dos estudos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Eu entrei no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, como professora das literaturas africanas de Língua Portuguesa, em fevereiro de 1995. Essas literaturas já vinham sendo estudadas em outras universidades, geralmente integradas aos estudos de Literatura Portuguesa. Alguns pioneiros, como o Prof. Fernando Mourão, do Centro de Estudos Africanos, criado em 1966, na USP, e

alguns professores da USP, da UFRJ, da UFF, da PUC Rio, já trabalhavam com autores e autoras africanos desde a década de 1970. Dentre eles, Maria Aparecida Santilli, Jorge Fernandes da Silveira, Vilma Areas, Maria Aparecida Ribeiro, Laura Cavalcante Padilha. Mas em nenhuma dessas universidades existia, até então, cursos específicos de literaturas africanas de Língua Portuguesa. Na maioria das vezes, os estudos sobre essas literaturas eram oferecidos nas disciplinas de Literatura Portuguesa. Na Faculdade de Letras, na UFMG, a Profa. Lélia Duarte, uma das docentes de Literatura Portuguesa, incluía, dentre os estudos sobre autores e autoras da Literatura Portuguesa, alguns escritores das literaturas africanas. A Profa. Lúcia Castelo Branco, também de Literatura Portuguesa, tinha artigos publicados sobre livros do Luandino Vieira. Nessa época, a exceção foi o curso da PUC Minas, criado em 1989, em nível de Pós-graduação, com Mestrado em Letras – Literaturas em Língua Portuguesa.

Na UFMG, sendo professora do Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura, instigada por algumas ementas de cursos, cheguei a ler algumas obras de escritores africanos de língua portuguesa porque a Editora Ática lançara, no Brasil, entre 1979 e 1991, uma série de obras de autores africanos de várias nacionalidades. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de Luandino Vieira, foi o livro que inaugurou a coleção, em 1979, junto com *Os flagelados do vento leste*, de Manuel Lopes, de Cabo Verde. Foram lançados vários outros autores e eu cheguei a comprar alguns livros da coleção, dentre eles, *Kinaxixi e Outras Prosas*, do Arnaldo Santos, *Estórias do Musseque*, do Jofre Rocha, *Nós matamos o Cão Tinhoso*, de João Bernardo Honwana, *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela, e o *Dzanga dia Muenhu*, do Boaventura Cardoso, cuja escrita abririam novas trilhas no campo da escrita literária. Eu tinha, portanto, conhecimento de algumas obras literárias, mas nada sabia sobre a instituição literária de cada um dos países africanos de língua portuguesa.

A imersão mais efetiva nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa só se deu após eu ter sido convidada pela coordenadora do Programa de Pós-graduação da PUC Minas, Profa. Dra. Ângela Leão, para assumir a disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, no Mestrado. Ao ser convidada a assumir a disciplina, pedi um prazo para pensar sobre o convite e para conhecer obras de autores e autoras dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa existentes na Biblioteca da PUC Minas. Li, nesse período, muita poesia, uma significativa quantidade de contos de diferentes autores e autoras e alguns dos romances existentes na Biblioteca da PUC Minas. Li também obras críticas que me foram cedidas pela Profa. Lélia Duarte, professora de Literatura Portuguesa na UFMG. Após decidir assumir a disciplina no Mestrado da PUC Minas, elaborei as ementas dos primeiros cursos que ofereci, valendo-me de teorias que eu conhecia bem em decorrência das pesquisas realizadas na França e das discussões que apresentei em minha tese de doutorado.

As teorias de que me vali para oferecer os primeiros cursos vinculavam-se à Negritude e às reflexões de Aimé Césaire, Frantz Fanon, René Depestre, Édouard Glissant, teóricos que circulavam ainda pouco no Brasil. Lembro-me de ter recebido crítica por considerar aspectos negritudinistas na obra poética de Noémia de Sousa, mas o sólido conhecimento que eu tinha da Negritude, em decorrência dos estudos realizados no estágio sanduíche na Sorbonne Nouvelle, em Paris, me autorizavam a considerar feições negritudinistas visíveis na obra de alguns poetas de Angola, Moçambique e de outros países africanos, embora eu tivesse certeza de que a Negritude, como um movimento, não chegara à África de Língua Portuguesa. Essa questão ficou solidificada com a publicação do livro do Pires Laranjeira, *A Negritude africana de língua portuguesa* (1995), a que tive acesso no ano de 1998, em Portugal.

A boa prática em pesquisa que eu trouxera da UFMG me ajudou muito na condução das aulas e das orientações nos primeiros anos de PUC Minas. Já em 1995, ano em que entrei na PUC Minas, tive de assumir a orientação de três alunos que haviam escolhido fazer dissertação sobre autores africanos. Eles precisavam defender a dissertação no final de 1995, mas estavam muito atrasados com a pesquisa, porque não tinham orientador(a). Orientar os três alunos que haviam lido muitas obras de escritores africanos nos cursos, mas que não dominavam nenhuma teoria que pudesse alicerçar as suas dissertações, foi a minha prova de fogo. A orientação desses primeiros orientandos me mostrou o quanto é importante propor um cronograma de orientação em que as etapas da pesquisa sejam seguidas pelos orientandos(as) e orientador(a) a partir de encontros frequentes em que as questões mais pontuais possam ser resolvidas, e contornadas as dificuldades decorrentes da prática em pesquisa. Felizmente, as dissertações das duas alunas e de um aluno foram defendidas no prazo, tendo alcançado notas excelentes na defesa.

Também em 1995, ano em que entrei na PUC Minas, por sugestão de Dona Ângela e do Pe. Geraldo Magela, o reitor da PUC Minas, consegui realizar o I Simpósio de Estudos Africanos, que contou com a presença de escritores e teóricos angolanos e moçambicanos – Jofre Rocha, de Angola, Gilberto Matusse de Moçambique – e com a Profa. Inocência Mata, que eu não conhecia até então. Do Brasil, além dos professores que assumiram a disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, de 1989 a 1994, Profa. Maria Aparecida Santilli e Prof. Benjamin Abdalla Júnior, da USP e Profa. Laura Padilha, da UFF, estavam presentes muitos professores e alunos vindos das universidades brasileiras que já contavam com a disciplina em suas grades curriculares. Entre os professores que já ministravam a disciplina em outras universidades, ressalto Rita Chaves, da USP, e Carmen Tindó, da UFRJ, pela importante participação no evento e porque, a partir de então, estiveram sempre em vários momentos em que precisei contar com a ajuda delas para organizar eventos e compor bancas de defesa.

O I Simpósio de Estudos Africanos teve uma boa repercussão no Brasil, em Portugal, em Angola e em Moçambique e ajudou a projetar a PUC Minas como um importante espaço de pesquisa e disseminação de estudos sobre as literaturas africanas de Língua Portuguesa, posição que se fortaleceu não somente com os demais eventos produzidos na área, mas também com a criação dos Seminários Internacionais Guimarães Rosa, coordenados pela Profa. Lélia Parreira Duarte, docente de Literatura Portuguesa, com as publicações da revista *Scripta*, criada em 1997, e do Dossiê de Literaturas Africanas nessa revista. A *Scripta*, apesar de ter alterado a antiga estruturação que privilegiava os dossiês de literaturas africanas, brasileira e portuguesa, continua a publicar textos sobre as literaturas africanas. Foram também importante meio de divulgação do trabalho realizado na PUC Minas para consolidar os estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa os números publicados do *Veredas de Rosa*, organizados pela Profa. Lélia Duarte. Com várias atividades e publicações, a PUC Minas projetou-se no cenário nacional e internacional como um centro de pesquisa importante na área das literaturas africanas de Língua Portuguesa, principalmente porque conseguiu trazer muitos teóricos de universidades em que tais estudos se fortaleceram no Brasil, em Portugal e na África de Língua Portuguesa. E por contar com a presença de muitos(as) escritores(as) africanos(as) em palestras e discussões sobre sua obra.

5 – Como a PUC Minas colaborou, no cenário nacional e internacional, para a difusão dos estudos críticos e dos textos literários produzidos nos CINCO?

O curso de pós-graduação em Letras da PUC Minas, como já ressaltado na pergunta anterior, teve o privilégio, desde a criação do Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa, em 1989, de contar com um grupo de professores e professoras que se responsabilizaram pela disciplina Literaturas de Língua Portuguesa entre 1989 e 1994. Por isso, reitero, foi importante a contribuição de professores como Maria Aparecida Santilli e Benjamin Abdalla Júnior, da USP, Laura Cavalcante Padilha, da UFF, e Lourenço do Rosário, de Moçambique nos anos iniciais do Mestrado em Letras da PUC Minas. Esses professores começaram a divulgar o trabalho da PUC em suas universidades e em outros centros de estudo e o Prof. Lourenço do Rosário fez o mesmo em seu país. O Prof. Lourenço do Rosário tornou-se responsável por apresentar aos(as) mestrandos(as) escritores e escritoras moçambicanos e angolanos e por trazer várias obras literárias a cada vez que vinha ministrar cursos no Programa de Pós-graduação da PUC Minas. Foi ele quem apresentou aos alunos os poemas de Noémia de Sousa, José Craveirinha, Agostinho Neto e romances e contos de Pepetela, Manuel Rui, Luiz Bernardo Howana e, principalmente, os contos iniciais do Mia Couto e o romance *Terra sonâmbula*, analisados por ele em vários de seus cursos. Esse trabalho explica o fato de duas das dissertações levadas à defesa por mim, em 1995, terem como proposta o estudo de obras do Mia Couto. A terceira

apresentou, pioneiramente, um estudo sobre poemas de Noémia de Sousa, muitos deles nos foram cedidos pelo Arquivo Histórico de Moçambique. O escritor Mia Couto, em vários momentos, no Brasil e em Moçambique, expressou o sentimento de gratidão pela acolhida de suas obras pelos pós-graduandos da PUC Minas, desde os primeiros anos do Mestrado.

Foi muito importante para a divulgação do trabalho executado pela PUC Minas com relação ao ensino e às pesquisas voltadas às literaturas africanas de língua portuguesa o fato de o Programa de Pós-graduação em Letras ter a disciplina como obrigatória, e não apenas como optativa, no currículo de Mestrado e, posteriormente, no do Doutorado. Essa condição só foi alterada em meados dos anos 2000, quando as disciplinas obrigatórias; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa, passaram a constituir uma disciplina obrigatória única, em que são privilegiadas as interseções entre essas literaturas, abrindo-se um caminho mais comprometido com o Comparativismo Literário, embora conceitos e teorias específicas da área nem sempre precisassem estar presentes nos cursos.

Infelizmente, com a alteração da carga horária da disciplina obrigatória, ofertada com 60 horas, os resultados obtidos foram bastante afetados. O aprofundamento dos estudos sobre a disciplina passou a ser feito quase que exclusivamente pelas disciplinas optativas e, principalmente, pelos grupos de estudo criados na área.

Para reiterar a importância da PUC Minas na difusão dos estudos críticos e dos textos literários produzidos nos países africanos de língua portuguesa, é preciso considerar também que o Programa de Pós-graduação da PUC Minas trouxe vários teóricos e críticos estrangeiros para oferecer cursos, minicursos e palestras na Pós-graduação em Letras, principalmente quando era Reitor o Padre Geraldo Magela.

Dentre os teóricos e críticos estrangeiros, destaquem-se a Profa. Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho, da Universidade Aberta de Lisboa, a Profa. Inocência Mata, da Universidade de Lisboa, o Prof. Pires Laranjeira, da Universidade de Coimbra e o Prof. Russell Hamilton, que trabalhou em várias universidades americanas, tendo residido em todos os países de língua portuguesa, para conhecer de perto suas cultura e literatura. Alguns críticos estrangeiros participaram de eventos importantes organizados pela Pós-graduação e, dentre vários, devem ser destacados Gilberto Matusse, Fátima Mendonça e Francisco Noa, de Moçambique, Moema Augel, sem dúvida, a grande estudiosa da literatura da Guiné-Bissau, Ana Mafalda Leite, da Universidade de Lisboa.

Além dos professores que assumiram as primeiras turmas da disciplina no Mestrado, Maria Aparecida Santilli, Benjamin Abdalla Júnior e Laura Padilha, estiveram em várias atividades do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, em diferentes momentos, Rita Chaves, Tânia Macedo, Simone Caputo Gomes, da USP, Carmen Lúcia Tindó Secco e Teresa Salgado, da UFRJ. Escritores e escritoras

africanos(as) estiveram presentes, na PUC Minas, para participar de eventos e, por vezes, para apresentar seus livros aos(as) alunos(as). Dentre vários, podem ser destacados, Jofre Rocha, Pepetela, José Eduardo Agualusa, Ondjaki e João Melo, de Angola, Orlanda Amarilis e Vera Duarte, de Cabo Verde, Mia Couto, Paulina Chiziane, de Moçambique, Odete Semedo e Abdulai Sila, da Guiné-Bissau, nos anos 1990 e na primeira década dos anos 2000.

Até 2010, a PUC fortaleceu o seu lugar de destaque nos estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa com os dois Simpósios Internacionais de Estudos Africanos (1995 e 2003), com os Seminários Internacionais Guimarães Rosa, que criaram uma feição voltada aos escritores africanos leitores de Guimarães Rosa, e o IV Encontro de Literaturas Africanas, em parceria com a UFMG e a UFOP, em 2010. Considero também muito importante o fato de a escritora Odete Semedo haver escolhido fazer o Doutorado na PUC Minas. Ela, além de divulgar o trabalho feito pela PUC Minas na área, contribuiu muito para um maior intercâmbio entre alunos guineenses matriculados na PUC Minas e na UFMG.

Vejo, com imensa satisfação, as propostas atuais do Centro de Estudos Luso Afro-Brasileiro (CESPUC) e da Coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras, no sentido de revitalizar o lugar antes ocupado pela PUC Minas nas discussões sobre as literaturas africanas, brasileira e, também, sobre a portuguesa. Vejo, com entusiasmo, as propostas encaminhadas por eventos programados para 2022 que, certamente, expandirão as realizações culturais que fizeram da PUC Minas, sobretudo na década de 1990 e na primeira década dos anos 2000, um excelente Fórum de discussão teórica e literária.

6 – Nos primeiros anos da década de 1990, como era, no Brasil, a recepção dos textos (poéticos e ficcionais) de autores africanos de língua portuguesa? Quais eram os autores mais lidos aqui no final do século XX e como suas obras circulavam entre os pesquisadores e estudantes?

Nos primeiros anos da década de 1990, os poetas mais estudados eram os pertencentes à literatura engajada, como Agostinho Neto, António Jacinto, Viriato da Cruz, Noémia de Sousa, José Craveirinha, Francisco José Tenreiro, Alda Espírito Santo. Os poetas criadores de *Claridade*, de Cabo Verde, também já eram estudados, embora, na minha opinião, os estudos sobre a literatura de Cabo Verde só tenham ganhado maior visibilidade a partir do impulso extraordinário que tiveram em decorrência do trabalho realizado pela Profa. Simone Caputo, da USP, na divulgação da cultura e da literatura do arquipélago.

Ressalto, por fim, que, mesmo quando muitas obras de autores e autoras africanos(as) de língua portuguesa eram estudadas através de cópias xerocadas, a biblioteca da PUC Minas já era reconhecida por seu acervo de obras africanas de língua portuguesa, o que permitia uma variedade de leituras de poetas e ficcionistas africanos.

7 – Sabe-se que, a partir da década de 1980, há marcos significativos na produção de textos narrativos africanos, como é o caso, por exemplo, de romances angolanos e moçambicanos. Como a crítica literária brasileira recebeu e colaborou para popularização desses romances entre o público leitor?

Como expliquei em pergunta anterior, a Editora Ática publicou, entre 1971 e 1991, várias obras de escritores africanos e essa coleção foi fundamental para os primeiros cursos de literaturas africanas. Não sou capaz de esclarecer quais narrativas africanas foram mais lidas nos cursos criados pela USP, e pela UFF e pela UFRJ, na fase inicial do ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil. Nos primeiros cursos da PUC Minas que ofereci, além de explorar as narrativas publicadas pela Ática, sobretudo as de Luandino Vieira e Pepetela, foram discutidas obras de Uanhenga Xitu, contos e romances de Arnaldo Santos, contos de Orlanda Amarilís, e os poetas mais conhecidos de cada um dos 5 países africanos de língua portuguesa, principalmente os selecionados pelas antologias organizadas por Manuel Ferreira, Mário Pinto de Andrade e Francisco José Tenreiro, mas também poemas de autores(as) pouco conhecidos no Brasil, porque tínhamos o empenho de divulgar um número maior de escritores e escritoras, cujas obras eram trazidas nas viagens que fiz aos países africanos. Foram muito lidos os livros do Mia Couto, porque esses eram mais fáceis de ser adquiridos em Portugal.

Mas, repito, não tenho condição de dizer quais eram os autores e as autoras mais lidos(as) nos primeiros cursos de literaturas africanas oferecidos no Brasil a não ser considerando os cursos oferecidos pelo Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Uma pesquisa feita por uma ex-orientanda minha, Eni Alves Rodrigues, comprova que o Mia Couto era, no período pesquisado por ela, o autor africano mais lido no Brasil. Eram também bastante lidos o Pepetela e a Paulina Chiziane.

8 – Certa feita, a professora e intelectual de São Tomé e Príncipe, Inocência Mata, no momento da arguição da tese de Assunção de Maria Sousa e Silva, feita sob sua orientação no PPGL/PUC Minas, disse que não indicaria nenhum acréscimo teórico sobre o tema “memória” pesquisado na tese, por considerar que a senhora é uma das grandes especialistas nessa temática. Pode-se afirmar que esse profundo trabalho de pesquisa com a “memória” teve seu início em 1999 no escopo do projeto “Lugares de memória: literatura, arte e objetos de culto em desenvolvimentos contemporâneos” (CNPq)? Que capilaridade esse operador conceitual pavimentou após mais de duas décadas de pesquisas desenvolvidas?

Sempre trabalhei com o conceito de memória em minhas pesquisas. De forma institucional, esse trabalho inicia desde o projeto *Literatura e diferença*: traços para a construção de imagens de nação e de nacionalidade na literatura, desenvolvido

no período de 1996 a 1999, com bolsa do CNPq. Pesquisei nesse projeto a força da memória na literatura produzida em espaços colonizados. De forma específica, além do projeto mencionado por vocês, *Lugares de memória: arte e objetos de culto em desenvolvimentos contemporâneos* (1999 – 2003), desenvolvi outros projetos sobre o tema como: *Poéticas afro-brasileiras: memória e dispersão em rituais da palavra* (2003-2006), *Percursos da memória nas literaturas africanas de língua portuguesa contemporâneas* (2006-2010) e ainda continuo a trabalhar com o projeto *Desdobramentos e proliferações da memória nas culturas/literaturas africanas de língua portuguesa* que me fez aprofundar estudos sobre a encenação da memória não somente na literatura, mas também na arte de vários artistas africanos(as) de vários países do continente. É uma pesquisa que tem me possibilitado investigar os vários desdobramentos da memória coletiva e individual em expressões culturais diversas. Todos esses investimentos me deram uma maior mobilidade na discussão do conceito de memória e até condição para questionar as visões de uma memória essencialista e imutável. Fui pesquisadora de um projeto redigido por mim e pela Inocência Mata e coordenado por ela, *Trânsitos de Memória nas Culturas/Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: o lugar dos textos memorialistas e o resgate da função tradicional do registo histórico*. Esse projeto foi muito importante para a divulgação de minhas pesquisas sobre a memória de guerras africanas. Desliguei-me dele, em 2018, após deixar a PUC Minas.

Gosto de perceber como os(as) escritores(as) e os(as) artistas trabalham com a memória em suas múltiplas feições. Essa discussão tem-me permitido trabalhar não apenas com a literatura, mas com a arte africana, produzida por artistas de vários países do continente, e investir em novos gêneros textuais que vêm surgindo nos países africanos de língua portuguesa: diários, depoimentos, testemunhos e obras de ficção que resgatam a memória da guerra colonial e de guerrilheiros(as) que dela participaram. No campo das artes plásticas, já pesquisei, de forma mais verticalizada, os trabalhos de artistas como Romuald Hazoumè, do Benin, Gonçalo Mabunda, de Moçambique, António Ole, de Angola e, sobretudo, a arte de Jane Alexander, Mary Shibande e Zanele Muholi, da África do Sul, porque tenho privilegiado o trabalho de artistas mulheres que exploram o tema da memória em suas produções artísticas.

9 – Uma marca de seu trabalho de investigação é o diálogo sempre profícuo de textos literários e outros sistemas semióticos. Poderia compartilhar as razões que a levam, por exemplo, a estudar tecidos, instalações e outros receptáculos da criação artística de autoria africana e da diáspora?

Como disse, ao responder à pergunta anterior, gosto de acompanhar as relações entre a literatura e outros sistemas semióticos, certamente ainda motivada pelo trabalho que desenvolvíamos no Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura, na UFMG. Gosto de compreender as relações que podem ser estabelecidas entre

textos literários com manifestações culturais dos contextos em que são produzidos. Essa curiosidade me fez pesquisar, por exemplo, a memória do Largo Kinaxixi, em Luanda, e costumes africanos ligados à arte de tecer (colares, pulseiras e panos). Essa pesquisa me conduziu aos famosos “panos africanos” produzidos por uma indústria holandesa, desde o século XIX, e me instigou a saber mais sobre os panos produzidos em África, como o “pano di penti” a que fui apresentada pela Odete Semedo, em Bissau, o “pánu di téra”, que conheci em Cabo Verde, o pano da costa, que conheci em Angola, e muitos outros panos tradicionais africanos que fui conhecendo em museus dos Estados Unidos, da África e mesmo do Brasil. Após a magnífica exposição *Panu di Penti*, realizada pela Odete Semedo na PUC Minas, em 2006, fiquei interessada em conhecer a história dos panos vendidos como africanos em vários países do continente e também em países europeus, ainda sem saber que os belos tecidos vendidos em lojas, mercados e feiras, em vários lugares do continente africano, eram produzidos na Europa.

Para aprofundar o que intuitivamente fui aprendendo sobre os panos africanos, fiz pesquisas e cursos sobre a vasta tradição têxtil africana que me possibilitou conhecer tradições em torno de tingimentos, geralmente feitos a partir de folhas e flores, como o *Indigo*, magnificamente produzido e usado pelos tuaregues, no Marrocos, o *kente*, usado pelo povo Ashanti, o *Adinkra*, de Gana, o *bogolan*, do Mali, o *Kuba*, do Congo, e as muitas tradições em torno de outros panos, muitos deles vendidos, atualmente, somente para galerias de arte e colecionadores.

A partir dessas pesquisas, pude entender que há panos tradicionalmente produzidos por diferentes povos africanos que dão a eles, inclusive, um sentido religioso, e panos que chegaram à África levados pelas rotas comerciais abertas pelos europeus no continente e que, ao longo dos tempos, tornaram-se africanos porque, embora produzidos industrialmente na Holanda, eram vendidos no continente africano, muitas vezes atendendo a encomendas específicas de diferentes países africanos. Esses panos foram, desde 1846, fabricados pela empresa holandesa Vlisco, fundada pelo empresário holandês Pieter van Vlissingen, na antiga cidade têxtil de Helmond, Holanda. Os panos produzidos pela Vlisco desde o século XIX conquistaram o mercado africano porque eram fabricados por um processo industrial que barateava a produção de panos como o batik, produzido de forma artesanal pela Indonésia e durante muito tempo vendido na África. Como acentuei, os panos produzidos pela Vlisco, ao longo dos tempos, começaram a ser estampados com motivos que reproduziam elementos de tradições de diferentes países africanos, processo que aumentou ainda mais o interesse por esses tecidos em África. Pode-se dizer que os tecidos produzidos pela Vlisco influenciaram culturas de várias partes do continente africano, sendo referidos como parte da identidade africana e, inclusive, adotados por vários estilistas africanos, ainda que não possam ser considerados genuinamente

africanos. A Vlisco continua a imperar no mercado africano com tecidos que têm vários nomes, sempre remetendo à sua origem javanesa/holandesa: *Dutch wax print*, *Veritable Java Print*, *Guaranteed Dutch Java*, *Veritable Dutch Hollandais*. Tem lojas em Berlim, Londres, Nova York, Paris, Tokio, Amsterdan e em Abidjã, na Costa do Marfim.

A história desses panos industrialmente produzidos fora da África é uma demonstração de que as tradições podem ser inventadas e reinventadas e de que, quando se fala em panos africanos, na maioria das vezes, estamos nos referindo, às vezes sem o saber, aos tecidos produzidos pela empresa holandesa, que podem ser comprados em qualquer país africano, em alguns países da Europa e até mesmo no Brasil. São os panos coloridos, muito bonitos que a gente compra, “achando que são genuinamente africanos”.

Gosto muito também de acompanhar instalações e propostas de arte de artistas africanos de vários países. Uma curiosidade que, muitas vezes, é alimentada por ex-orientandos como o Wellington Marçal, que me apresentou ao instrumento kora e ao músico Toumani Diabaté, do Mali, e ao Yinka Shonibare, artista anglo-nigeriano, autor de instigantes releituras de uma tradição de que fazem parte os panos africanos produzidos na Holanda. Cada vez mais me interessa pelo trabalho realizado por estilistas do Mali, do Senegal e de outros países africanos, conhecidos a partir das pesquisas que me propiciaram conhecer alguns tecidos que ficaram esquecidos, após a invasão dos panos da empresa Vlisco. Vale a pena conhecer o trabalho de vários estilistas africanos que estão integrando os tecidos africanos – os produzidos na África e os produzidos pela Vlisco – em suas criações, produzindo novas leituras sobre os panos africanos. Tenho pesquisado o trabalho de alguns estilistas que me foram apresentados por minha filha mais velha, professora de História do Design da FAAP (SP). Ela me abriu as portas para conhecer o trabalho que vem sendo feito pelos estilistas africanos Lamine Badian Kouyaté e Aboubakar Fofana, do Mali, Palesa Mokubung, Sindiso Kumalo e Laduma Ngxokolo, da África do Sul, Jamil Walji, do Quênia e por estilistas de Angola. Há muitos trabalhos publicados, no Brasil, sobre os “panos africanos” produzidos pela Vlisco.

10 – Em 2012, a senhora fez parte e liderou a comissão organizadora do IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, sediado em Ouro Preto – Minas Gerais. Poderia compartilhar algumas lembranças sobre os inúmeros “diálogos impertinentes” que tiveram como palco os vários espaços da histórica cidade mineira?

A intenção desse memorável evento, o IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, era dar sequência aos encontros anteriores, acontecidos em Niterói, em 1991, em São Paulo, em 2003, e no Rio de Janeiro, em 2007, e, de certa forma, aprofundar a discussão sobre os estudos e pesquisas sobre as literaturas

africanas nos países africanos, na Europa e no Brasil, frente aos avanços proporcionados pelos estudos pós-coloniais. O próprio título do evento, *África: dinâmicas culturais e literárias*, expunha uma visão não concordante com essencialismos e centramentos, abrindo-se aos deslocamentos, trânsitos e diálogos.

Na proposta do evento, os “diálogos impertinentes” constituíram uma intencional provocação que valorizava diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema. Um tema era lançado para ser discutido por teóricos de diferentes tendências e, por vezes, focalizando questões e polêmicas das literaturas dos cinco países africanos de língua portuguesa. A proposta de fomentar discussões e rever os essencialismos ainda muito presentes nos estudos das culturas e literaturas africanas ganhou força nas várias sessões do IV Encontro, como ficou demonstrado nas reflexões produzidas pelos críticos africanos, europeus e brasileiros que integraram as principais sessões do evento, publicadas, posteriormente, em livro e em números especiais de periódicos da PUC Minas. Uma grande coleção de fotografias do IV Encontro foi exibida na PUC, em momentos especiais. O vídeo apresentado na abertura do evento foi reapresentado em sessão do VI Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa / II da AFROLIC, em Recife, em 2016.

No lançamento do número 81 da revista da Academia Mineira de Letras, realizado em Ouro Preto, em julho de 2022, pude lembrar aos presentes a importância do IV Encontro, sobretudo porque foi um dos últimos encontros que contou com grande presença de teóricos, estudiosos e escritores e escritoras africanos(as), permitida pelas parcerias importantes, sobretudo com o Fórum das Letras, de Ouro Preto, que possibilitou a vinda de vários escritores e escritoras africanos presentes nos eventos que aconteceram simultaneamente: o IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas e o Fórum das Letras.

11 – Como a senhora avalia a formação de novos professores e pesquisadores sobre as literaturas africanas de língua portuguesa nas universidades brasileiras? Que marcos importantes de continuidade e ruptura nos estudos críticos podem ser destacados?

Não saberia avaliar a formação de novos professores na área das literaturas africanas de língua portuguesa, porque, tendo me afastado do magistério superior em 2018, decidi ocupar o meu tempo com leituras, escrita de artigos e encontros de discussão de temas que me atraem. Às vezes converso, inclusive *on-line*, com alunos e alunas de cursos de Letras e alguns(as) comentam o fato de as aulas de literatura estarem sendo oferecidas com carga horária reduzida e, muitas vezes, não haver, em alguns cursos de Letras, opção para se estudar literatura que não seja a brasileira. Converso também com professores que estão na ativa e muitos comentam a redução de carga horária de literatura e o ingresso de alunos, em curso de Letras, com pouquíssimo domínio de leitura literária. Muitos professores consideram que a pouca procura do

mercado de trabalho por especialistas em literatura tem levado os cursos de Letras a investirem mais na área da Linguística e na formação de docentes que irão atuar no ensino da Língua Portuguesa, disciplina obrigatória em todos os currículos de Letras. Muitas faculdades particulares têm feito essa opção e, quando ainda têm aulas de literatura, elas são ministradas com carga horária mais reduzida, o que prejudica a formação de bons professores na área. Há muito tempo que esse formato vem sendo adotado, prejudicando a formação de docentes em literaturas africanas de língua portuguesa e também em literatura portuguesa.

Por outro lado, tenho conhecido propostas bastante interessantes de comparativismo que permitem o estudo das literaturas africanas em comparação com outras literaturas e excelentes encaminhamentos de estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa mais voltados às produções atuais, cujos interesses se distanciam da literatura de contestação e de endosso de ações em defesa da libertação dos países africanos do colonialismo. Percebo, também, que novos(as) poetas(isas) e ficcionistas dos países africanos de língua portuguesa estão sendo estudados e que vêm sendo ampliados os estudos sobre novos gêneros textuais que vêm surgindo com a publicação de autobiografias, biografias, testemunho e diários, principalmente em Angola e Moçambique. Nos cursos oferecidos na fase de implantação dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa, no Brasil, obras pertencentes a esses gêneros sequer existiam, ainda que fosse bastante imperativo o estudo de obras literárias voltadas à denúncia dos horrores implantados pelo colonialismo em África.

O *literÁfricas* tem-nos permitido perceber quais feições literárias têm sido mais procuradas por quem acessa os textos postados nas seções já abertas. Verificamos que os textos que pretendem dar uma visão mais geral da literatura de cada um dos países africanos de língua portuguesa têm tido um grande número de acessos, o que nos permite constatar haver interesse por conhecer as feições das instituições literárias de cada país, já que são poucos os textos publicados no Brasil nessa direção, em visão panorâmica, isto é, textos que apresentam as particularidades da história literária de cada país. Os acessos a esse tipo de texto têm-nos demonstrado que interessa aos estudiosos conhecer o modo como as literaturas africanas encenam os saberes locais e concretizaram “a revisão da ideologia da modernidade europeia, através de uma reinterpretação da história a partir de suas margens”, como destaca Inocência Mata em texto escrito em 2013. Considero que esse texto da Inocência Mata (2013) que discute o lugar das literaturas escritas em português, no mundo globalizado, expressa bem os desafios que o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa precisa enfrentar, ainda que esse desafio esteja também posto às demais literaturas escritas em português:

Num mundo inexoravelmente em conexão, a perspectiva do estudo da literatura deverá ter em conta não apenas a dinâmica da história dos países de língua portuguesa, num nível transnacional, mas também uma perspectiva multidisciplinar no ensino das culturas e, particularmente, das literaturas em português (Mata, 2013, p. 115).

A meu ver, as questões postas por Mata – mesmo já estando presentes em muitos cursos de literaturas escritas em português – precisam ser consideradas pelos cursos de literaturas africanas, de forma mais persistente e consistente.

12 – Como avalia o cenário atual dos estudos sobre as literaturas dos CINCO? Quais são os “buracos negros”, tomando emprestada uma expressão de Luandino Vieira, que requerem renovada energia de pesquisa no contexto brasileiro?

Vou responder ao que me pedem, ressaltando, se entendi a pergunta, autores(as) e obras das literaturas africanas de língua portuguesa apresentados(as) nos cursos oferecidos por mim. Nas disciplinas obrigatórias, só me era permitido apresentar os escritores e as escritoras que fizeram parte dos principais movimentos literários de cada um dos países. Por isso, os cursos obrigatórios sempre tiveram por objetivo permitir aos alunos e alunas conhecer os escritores e escritoras mais significativos(as) de cada momento literário de cada país. Nas disciplinas optativas e nos grupos de estudos, eu tinha condição de trabalhar com outros escritores e escritoras de diferentes linhas temáticas e estéticas e até com escritores e escritoras menos discutidos(as) e conhecidos(as). Aliás, como o número de escritoras é sempre menor que o de escritores, sempre foi possível contemplar um maior número de escritoras, mesmo nas disciplinas obrigatórias. Mesmo assim, não tinha condição de trabalhar com os escritores menos conhecidos da Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe. Lembro-me de uma crítica feita pela Inocência Mata sobre o fato de a maioria dos cursos oferecidos no Brasil sobre a literatura de São Tomé e Príncipe privilegiarem a poesia, quase sempre focalizando a produção poética de Francisco José Tenreiro, Alda Espírito Santo e, sobretudo, Conceição Lima. Mata considerava o fato de não ver muitos estudos sobre autores como Albertino Bragança e Aíto Bonfim. Ela comentou que muitos professores dão a impressão de não saberem que a literatura de São Tomé e Príncipe tem outros gêneros literários além da poesia. Vesti a carapuça, porque, em cursos meus, trabalhei pouco com os escritores nomeados por ela. Trabalhei um pouco mais com os contos do Albertino Bragança, principalmente os do livro *Rosa do Riboque*, mas quase nada com os livros do Aíto Bonfim. Em cursos da Graduação, algumas vezes, cheguei a apresentar trechos de livro do Sum Marky, quando eram discutidos textos literários sobre o Massacre de Batepá. Mas nos cursos obrigatórios da Pós-graduação, de “visão panorâmica”, só eram trabalhados poesia e contos, porque a carga horária

nunca permitia voos para outros gêneros literários. E, mesmo com relação à poesia produzida em cada um dos países africanos de língua portuguesa, nem sempre havia condição de ir além dos(as) mais conhecidos(as).

Não tenho condição de avaliar como a questão de seleção e escolhas de autores e autoras se mostra em cursos não ministrados por mim. Em cursos que possibilitam trabalhar com as literaturas de cada país, porque o currículo do curso permite isso, a visibilidade de autores e autoras deve ser bem maior. Mas em cursos de “visão panorâmica”, em que se deve apresentar a literatura dos cinco países africanos de língua portuguesa, em poucas aulas, muitos escritores e escritoras ficam de fora, principalmente com relação à literatura de Angola, Cabo Verde e Moçambique que têm um número grande de escritores.

Parafraseando o que disse o Luandino Vieira com relação aos “buracos negros” da História da Literatura Angolana, referindo-se às grandes omissões de autores e textos nunca considerados por angolanos nem por portugueses e brasileiros, poderia dizer que existem “buracos negros” nos cursos e estudos que realizamos sobre qualquer literatura. Adoro o jeito como o Luandino referiu-se, ironicamente, às escolhas que fazemos, como docentes, estudiosos e pesquisadores para tratar da literatura angolana (e, por extensão, das outras literaturas africanas). Penso que a questão posta por Luandino Vieira com relação ao que fica de fora da História da Literatura de Angola está presente em qualquer curso sobre cada uma das literaturas africanas de língua portuguesa. Quando se ensina a literatura de qualquer país, sempre fazemos escolhas, seleções e vamos jogando alguns autores e autoras e muitas obras nos terríveis “buracos negros” que as nossas próprias escolhas e preferências vão abrindo ao longo dos cursos.

13 – Qual a biografia do Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas (GEED) que se articula sob sua coordenação há mais de uma década?

O Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas (GEED) surgiu em 2010, vinculado ao *Projeto Migrações e deslocamentos*: a constituição de estéticas diaspóricas nas literaturas africanas de língua Portuguesa, aprovado pelo CNPq para o período de 2010 – 2014, embora tenha sido pensado durante o desenvolvimento do projeto *Percursos da memória nas literaturas de língua portuguesa contemporânea*, aprovado pelo CNPq para ser desenvolvido no período de 2006 – 2010. Desde sua criação, em 2010, o GEED vinculou-se ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, permanecendo com essa vinculação institucional até o final do primeiro semestre de 2018, contando sempre com a presença de professores e estudantes de pós-graduação e graduação de diversas instituições de ensino superior do país como seus pesquisadores.

Outros projetos foram assumidos pelo GEED em sua história, após o encerramento do projeto *Migrações e deslocamentos – a constituição de estéticas diaspóricas*

nas literaturas africanas de língua portuguesa, a partir de 2014. No período de 2014 a 2018, o GEED passou a vincular-se ao projeto *Realismo e novos realismos nas literaturas africanas de língua portuguesa*, aprovado pelo CNPq. Esse projeto fomentou a publicação do Dossiê Realismos e Mediação da revista *Scripta* (2016), do Programa de Pós-graduação em Letras e Centro de Estudos Luso-afro-brasileiro da PUC Minas, sob a organização das Professoras Ivete Walty e Maria Nazareth Soares Fonseca, com artigos dos pesquisadores do GEED. O projeto realizou, em 2017, o minissimpósio *Realismos, deslocamentos e memória*, publicando os textos apresentados em edição dos *Cadernos CESPUC de Pesquisa*.

De 2018 ao primeiro semestre de 2022, o GEED assumiu o projeto *Desdobramentos e proliferações da memória nas culturas/literaturas africanas de língua portuguesa*, também aprovado pelo CNPq. Esse projeto, em especial, tem pesquisado a reflexão produzida por intelectuais africanos e afrodescendentes sobre a memória, a história e as injunções de lembrar e esquecer. De forma bastante incisiva, o projeto, em seus primeiros anos, aprofundou questões apontadas por Achille Mbembe sobre “os modos de inscrição da colônia nos relatos de historiadores africanos” (Mbembe, 2018, p. 179), sobre as “formas negras de mobilização da memória” e os “modos de representação da experiência colonial”, questões que, segundo Mbembe, transitam pela “comemoração ativa ao esquecimento, passando pela nostalgia, pela ficção, pelo recalçamento, pela amnésia e pela reapropriação” (Mbembe, 2018, p. 179-180). A questão da memória e da escrita da memória tem sido a principal motivação das pesquisas desenvolvidas pelo GEED.

O grupo, desde a sua criação, tem desenvolvido pesquisas orientadas pelos seguintes critérios: a cada semestre é proposto um tema para discussão, sempre relacionado ao projeto em desenvolvimento; o GEED realiza encontros quinzenais, propostos de acordo com um cronograma pré-estabelecido; nos anos de 2010, 2014, 2015 e 2018, o GEED organizou e realizou minissimpósios sobre questões temáticas discutidas em cada ano; várias atividades de enriquecimento das discussões foram e são realizadas; a cada final de semestre, o GEED realiza um *Sarau de Arte e Literatura*, para o qual são convidados também não integrantes do grupo; ao longo dos anos, o GEED tem realizado visitas a exposições de arte e a Museus de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro, de São Paulo, da França e da África do Sul. Essas atividades foram interrompidas por dois anos por causa da pandemia. É considerável a participação dos integrantes e da coordenadora em Congressos, Simpósios e Encontros sobre as temáticas desenvolvidas pelo GEED, no Brasil e no exterior, em forma de palestras, coordenação de simpósios, mesas temáticas e intervenções.

Em 2019, os geedistas Roberta Maria Ferreira Alves e Wellington Marçal de Carvalho organizaram o livro *Deslocamentos estéticos*, com artigos dos integrantes do grupo sobre temas vinculados às discussões realizadas.

Atualmente, o GEED conta com 19 integrantes, 2 mestres e 17 doutores. Vários dos pesquisadores doutores pertencem a universidades e institutos federais, localizados em diferentes regiões de Minas Gerais e do Brasil. As reuniões, a partir de 2018, passaram a contar com participação *on-line*, em virtude de vários integrantes terem passado a residir em diferentes regiões do Brasil, após terem sido aprovados em concursos em universidades e institutos federais. Com a chegada da pandemia, os encontros passaram a ser *on-line* e, a partir de 2022, ocorrem encontros híbridos, principalmente os do final de cada semestre.

Em 2022, o GEED passou a ser coordenado pelas geedistas Profa. Roberta Maria Ferreira Alves, da UFVJM, e Profa. Lílian Paula Serra e Deus, da UNILAB, de São Francisco do Conde, Bahia.

14 – Conte-nos sobre o seu projeto mais recente, o *literÁfricas*, integrado ao *literafro*, maior portal dedicado à literatura afro-brasileira. Quais são os objetivos desse projeto e as expectativas em relação ao alcance e aos acessos ao *literÁfricas*?

No primeiro semestre de 2020, o GEED assumiu a *Aba – literÁfricas*, no site do *literafro* administrado pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA) da FALE/UFMG. Nesse novo local de atuação, integrantes do GEED são responsáveis pela produção e postagem de textos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, em particular, mas também sobre as literaturas diaspóricas, sem interferir nos objetivos do *literafro*, que se volta à publicação e postagem de textos de vários gêneros sobre a literatura afro-brasileira. As cinco seções abertas sobre as literaturas africanas de língua portuguesa e a de literaturas diaspóricas têm contado com um excelente número de acessos, o que indica que estamos no caminho certo, ao criarmos o *literÁfricas*.

Em julho de 2022, ao receber muitos elogios de professores moçambicanos sobre a proposta do *literÁfricas*, tive a certeza de que, quando criamos a *Aba*, estávamos no caminho certo. A *Aba*, criada pelo Grupo de Estudos Estéticas Diaspórica (GEED), integrada ao Portal *literafro* (UFMG), nasceu da intenção de criar um acervo de textos críticos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, as literaturas afro-diaspóricas, além de abrigar, futuramente, seções voltadas aos estudos comparados, entrevistas; e às literaturas africanas em francês e em inglês. A proposta do *literÁfricas* é disponibilizar a alunos(as) e pesquisadores(as) brasileiros(as) e estrangeiros(as) um acervo de textos que possam ajudar estudos e pesquisas sobre essas feições literárias. O fato de já termos, desde a abertura das primeiras seções, em fevereiro de 2021, artigos com quase nove mil acessos, nos assegura que estamos no caminho certo. Aliás, um caminho aberto pelo *literafro*, coodenado pelo Prof. Eduardo de Assis Duarte e disponível *on-line* há mais de 13 anos.

15 – Permita-nos, Professora Nazareth, revisitar pela imaginação as magníficas prateleiras de sua Biblioteca e Arquivo pessoal. Nesse passeio, temos em conta fragmento do *Códice asteca* de 1524, que integra a coleção da Biblioteca Vaticana e serve de ementa ao número em construção da *Revista Mulemba* (2023):

*Os que leem, os que nos contam o que leem,
Os que ruidosamente viram as páginas de seus livros,
[...] São eles que nos conduzem, que nos guiam, que nos mostram o caminho.*

Indubitavelmente, a sua Biblioteca, fruto do seu incansável trabalho de muitas décadas no campo dos estudos literários e, mais ainda, das literaturas africanas de língua portuguesa, é uma das mais ricas do Brasil. Muitos estudiosos já se valeram de itens da sua coleção bibliográfica para encaminhar seus projetos. Seria possível nos contar algumas das ações que permitiram formar seu acervo? Que traços biográficos dessa preciosa Biblioteca sublinharia?

Infelizmente, só tive condição de começar a comprar livros e revistas especializadas em literatura, a partir do momento em que, já trabalhando, consegui ter saldo disponível para isso. Isso se deu, de forma mais concreta, após eu ter sido aprovada em concurso para lecionar no Colégio Estadual Central de Belo Horizonte e ter um salário considerado, à época, muito bom. Porque fui casada por longos anos com um homem que sempre se interessou por cultura, sendo profundo conhecedor de música clássica, História e Política, fui instigada, desde que o conheci, a ter os meus próprios livros. Aos poucos fui formando a minha biblioteca particular com livros de língua portuguesa e literatura brasileira, minha área de atuação no início da minha carreira docente. Quando construímos a nossa casa no Bairro Santo Antônio, na década de 1970, pedimos ao arquiteto para criar um espaço para livros. Nasceu do projeto o nosso escritório-biblioteca, cujas paredes, aos poucos, foram sendo cobertas por altas estantes em que fomos colocando os livros que adquirimos. Meus filhos nasceram em casa habitada por livros e foram criados em ambiente em que leitura e cultura eram valores prioritários.

A partir de 1995, comecei a comprar o que encontrava sobre as literaturas africanas de língua portuguesa. Comprei, no Brasil, livros caríssimos, porque eram raros e as pessoas que os tinham vendiam-nos a preço altíssimo. Entretanto, a maior parte dos livros que tenho, na área de culturas e literaturas africanas, foram adquiridos em Portugal e nos países africanos, nas visitas que fiz. Mas tenho muitos livros que me foram oferecidos de presente pelos amigos e amigas que tenho na área. Sou grata à saudosa escritora Orlanda Amarilis, por ter trazido de Cabo Verde e oferecido a mim e à Biblioteca da PUC Minas muitos livros sobre a literatura do seu país. Ganhei também obras fundamentais sobre a literatura e a cultura de Cabo Verde, do Instituto do Livro e do Disco e da Associação de Escritores Cabo-verdianos, nas várias visitas

que fiz ao país. Ganhei também muitos livros da União de Escritores Angolanos e da Associação de Escritores Moçambicanos, nas várias vezes que pude estar em Angola e Moçambique. Muitos livros me foram oferecidos por Rita Chaves, Inocência Mata, Carmen Tindó e por escritoras, escritores, professores(as) brasileiros(as) e estrangeiros(as) que trabalhavam com as literaturas africanas de língua portuguesa. Adquiri, também, muitos livros em eventos realizados no Brasil e no exterior.

Embora tenha certeza de que existem excelentes bibliotecas particulares sobre as literaturas africanas de língua portuguesa – e a da Profa. Inocência é, sem dúvida, uma grande biblioteca – há acervos bem maiores e mais completos que o meu. Destaco a importância da minha biblioteca porque ela sempre esteve disponível a alunos(as) e pesquisadores(as), quando precisaram desenvolver suas dissertações e teses na área. Minha biblioteca é, até hoje, um ponto de referência para os integrantes do GEED e isso me dá uma imensa alegria. Depois que deixei de lecionar, já me desfiz de uma grande quantidade de livros, mas quase sempre livros de assuntos mais gerais e muitos já lidos que não tenho mais condição de guardar porque, no espaço da minha atual biblioteca, já não cabem mais tantos livros. Mas o meu apartamento é ainda uma casa de livros que fazem parte da minha história de leitora, professora e pesquisadora.

Referências

MATA, Inocência. **Literatura-Mundo em Português: encruzilhadas em África**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 edições, 2014.